

# LIBRAS (L1) COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA SURDOS

Marisa Dias Lima – UFU<sup>1</sup>

**Resumo:** Diferentes processos de ensino marcaram a história da educação dos surdos. Dentre eles, podemos citar a utilização do método oralismo, a comunicação total, o bilinguismo e a inclusão, sendo que este último é adotado atualmente no processo educacional dos alunos surdos. Essa perspectiva inclusiva nos revela diversos entraves onde os despreparos dos professores e a ausência de comunicação e\ou interação entre eles apontam para uma má formação de tais profissionais resultando na incapacidade em elaborar um método de ensino que reconheçam as particularidades dos estudantes surdos, fato este que persiste por muitos séculos. Os aspectos educacionais de ensino propostos aos alunos surdos tem sido elaborados a partir de uma perspectiva dos educadores ouvintes, onde a maioria dos profissionais surdos é ignorada e desvalorizada enquanto sujeitos que podem contribuir efetivamente nesse processo, considerando as suas capacidades inerentes e de sua diferença: a de ser surdo. Desta maneira, a educação dos surdos é baseada na —integração\inclusão que ocorre nas escolas, tendo-se a língua oral – e não a Libras – como principal forma de comunicação. Diante de tal fato, questiono se a metodologia imposta pelo modelo ouvintista é capaz de integrar realmente o surdo na educação. Com efeito, os conteúdos desenvolvidos pelos educadores ouvintes, em sua maioria, são elaborados desconsiderando as necessidades dos alunos surdos. Nesse sentido, este trabalho tem por finalidade um objeto de estudo através de propostas de métodos de ensino elaboradas para os alunos surdos. Tais sugestões consistem no desenvolvimento de estratégias pedagógicas adequadas em Libras e no ensino de Português (L2), visando uma efetiva inclusão destes no processo escolar.

## 1. Introdução

Os estudos sobre o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos na Língua Portuguesa como segunda língua vêm ganhando destaque nas instâncias educacionais e na comunidade surda, através de exigências de estruturas diferenciadas e preparadas para atender suas necessidades. Por isso, é de suma importância que os currículos produzidos nas escolas levem em conta as exigências dos sujeitos surdos para que haja respeito à sua língua, cultura e identidade a fim de cumprirem a sua função de mediadoras no desenvolvimento de conteúdos.

A comunicação é a troca de informações mediada por um código e regida por regras. A espécie humana apresenta como seu principal instrumento de comunicação: a linguagem. No caso dos alunos surdos diferentemente dos alunos ouvintes compartilham os conhecimentos por meio de uma língua natural, a Libras, adquirida no visuo espacial, portanto é essencial que os surdos independentes da sua convivência devem ter o contato da Libras tanto para a comunicação quanto ao seu ensino-aprendizado a fim de possibilitar as suas potencialidades de vivenciar o mundo de forma

---

<sup>1</sup> Marisa Dias LIMA, Professora Mestra  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Departamento da Faculdade de Educação (FACED)  
marisalima@faced.ufu.br

ampla, como observa Skliar *apud* Faria 2002 ao afirmar que a consequência da necessidade de vivenciar a realidade dos surdos no visuo espacial se deve na existência de uma cultura surda própria e diferenciada daquela do mundo ouvinte.

Entendemos que o uso da Libras é essencial para o processo de desenvolvimento do ensino-aprendizado dos alunos surdos em todo o estágio tanto na aquisição, quanto na apropriação da Língua Portuguesa como segunda língua, entretanto cabe a escola ser uma das principais responsáveis em garantir que a Libras seja oferecida e trabalhada com os alunos surdos. Portanto, defendemos o uso da Libras no exato momento que as crianças surdas que se inicia na escola.

Hoje em dia, vários professores ao se iniciar o seu trabalho com os alunos surdos se defronta com um choque de realidade diante das dificuldades de ensinar os alunos surdos devido às suas peculiaridades linguísticas, tanto no uso da Libras quanto dos recursos didáticos com experiências visuais e outros que garantam o seu aprendizado. Diante das dificuldades e carências de professores capacitados para trabalhar com os surdos nos remete na necessidade de repensar as quais são as metodologias adequadas e coerentes com as abordagens linguísticas dos surdos sem deixar de ter a Libras como a língua de instrução principalmente no ensino de português como L2.

É de conhecimento de todos que o sucesso escolar dos alunos surdos depende, em grande parte, de como o domínio da língua está sendo abordado como também nas suas práticas pedagógicas aplicadas. Além disso, a aquisição dos conhecimentos em Libras pelas crianças surdas sendo utilizado como base de instrução de ensino é um dos fatores essenciais para garantir uma aquisição plena da leitura e escrita do português como segunda língua pela criança surda.

Mas os problemas de ensino dos surdos ainda persistem, pois os professores não utilizam os métodos, as técnicas e os recursos em Libras com o objetivo de poder assim proporcionar um bom desempenho linguístico aos alunos, diante disso os professores acabam limitando o desenvolvimento de ensino aprendizagem dos alunos surdos da Língua Portuguesa como segunda língua, induzindo os aos erros de estruturas e as inadequações de uso dos discursos.

Diante do problema a escola deve assumir a função de proporcionar as oportunidades para o desenvolvimento e o fortalecimento de identidades pessoais através da inclusão, pelo fato da escola ser um território em que ideologias e formas sociais heterogêneas se debatem num contexto de poder, sendo o seu ensino ser uma forma privilegiada de política cultural, em que se representam formas de vida social, no qual sempre estão implicadas relações de poder e se enfatizam conhecimentos que proporcionam uma visão determinada do passado, do presente e do futuro.

Assim, o presente estudo apresentará uma discussão no que tange no método de ensino bilingue, Libras e português L2 citando a sua contribuição no desenvolvimento aos alunos surdos com a questão de como criar uma condição metodológica de ensino de português para surdos que interligam simultaneamente o uso da Libras que permitam a aptidão dos alunos para adquirir os conhecimentos necessários com isso possa se interagir em diversos sistemas educacionais? Para a discussão da indagação levantada, serão apresentadas duas modalidades de estudos teóricos bibliográficos e prática.

Na primeira, buscou-se contextualizar a Libras e a educação dos surdos tanto no âmbito histórico quanto no âmbito do ensino. Na segunda, buscou se apresentar uma proposta de ensino de português L2 aos alunos surdos a partir de uma realização de um trabalho prévio como educadora no ensino de português L2 com os alunos surdos.

No entanto, é preciso considerar que hoje em dia os surdos vêm sofrendo mudanças substanciais em um processo histórico de evolução na forma de se pensar a respeito da metodologia de ensino para surdos. Assim, este trabalho visa colaborar e

apresentar algumas sugestões de como desenvolver atividades para ensinar a Língua Portuguesa como segunda língua por meio da Libras. Espera-se com este estudo promover uma disseminação da Libras no método de ensino, de forma que possamos melhorar a qualidade da educação dos surdos.

## **2. Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos através do Bilinguismo**

Durante quase um século, a preocupação dos educadores de surdos esteve centrada no aprendizado da língua majoritária, de modalidade oral. Dominava, na educação mundial dos indivíduos que não tinham acesso natural à língua da comunidade ouvinte, o oralismo, o qual defendia a linguagem oral como única forma de comunicação e proibia a articulação dos sinais. Com o passar dos anos, entretanto, devido ao avanço das pesquisas linguísticas e à constatação de que, mesmo depois de vários anos frequentando a escola, os alunos não dominavam a língua, em sua modalidade oral, surgiu a proposta educacional bilíngue que hoje é considerada a mais adequada, embora não seja implementada em todas as instituições que atendem surdos.

Góes (1996), Quadros (1997, 2005), Fernandes e Rios (1998), Salles et al. (2002) e Correia e Fernandes (2005) são unânimes ao destacar que o bilinguismo é uma proposta de ensino que considera a Libras como a primeira língua dos surdos que deve ser aprendida o mais cedo possível, e a Língua Portuguesa escrita como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da Libras, baseando-se em técnicas de ensino de segundas línguas.

Segundo Silva (2008), uma educação bilíngue de surdos deve inserir em seu currículo a língua de sinais e a escrita da Língua Portuguesa como segunda língua em sua completude, incluindo métodos de ensino focados na característica visual e na cultura dos surdos. Concordando com Quadros e Schimiedt (2006), Silva (op. cit.) destaca, no entanto, que não deve haver a simples transferência da primeira para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Quadros (1997), adepta do bilinguismo, destaca que:

[...] é um axioma afirmar que a língua materna – língua natural – constitui a forma ideal para ensinar uma criança [...] Obrigar um grupo a utilizar uma língua diferente da sua, mais do que assegurar a unidade nacional, contribui para que esse grupo, vítima de uma proibição, segregue-se cada vez mais da vida nacional [...]

Dessa forma, o bilinguismo busca captar os direitos da pessoa surda, pois propiciar a ela a aquisição da língua de sinais como primeira língua é a forma de oferecer-lhe um meio natural de aquisição linguística, já que essa língua é de modalidade espaço-visual, não dependendo, portanto, da audição para ser adquirida (FERNANDES, 2003). Além disso, Lodi (2003) destaca a “importância da Libras para a formação dos surdos, para que se tornem sujeitos críticos, formadores de opiniões, bons leitores e profissionais”.

Entende-se que para os surdos a Libras é a única língua que permite a eles ascender a todas as características linguísticas da “fala”. Nessa dimensão, essa modalidade é, portanto, indispensável para a total apropriação da linguagem pela criança surda em desenvolver o aprendizado. A língua de sinais também permite à criança surda descobrir o que é uma comunicação linguística no momento em que todas

as crianças fazem esta descoberta. Elas podem então, compreender o uso se ele utiliza-se de uma língua que ele domina totalmente.

Como afirma também Chomsky (*apud* SKLIAR, 1998):

a capacidade de comunicação linguística apresenta-se como um dos principais responsáveis pelo processo de desenvolvimento da criança surda em toda a sua potencialidade, para que possa desempenhar seu papel social e integrar-se verdadeiramente na sociedade.

Como defendem Bouvet, Penfield e Roberts (*apud* KARNOPP, 2002), especialistas em fisiologia do cérebro humano constataram que a língua de sinais é a única língua a qual a criança surda pode aprender sem nenhum atraso de desenvolvimento e isto é fundamental para o desenvolvimento da sintaxe, que parece ser o ponto crucial do desenvolvimento da linguagem e possui um período crítico para o seu desenvolvimento.

Silva (2008), no entanto, destaca que, para a implementação dessa proposta é necessário, além do reconhecimento da Libras como uma língua natural, dotada de todos os níveis de análise de quaisquer outras línguas, e da normalização da sua aquisição como primeira língua, o acesso desse sistema linguístico a todas as pessoas, principalmente aos familiares das crianças surdas e aos profissionais envolvidos com a educação, os quais, além de empregar a língua própria da comunidade surda, devem conhecer a sua cultura e ter vivência em sua comunidade. O bilinguismo para surdos atravessa a fronteira linguística e inclui também o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela, numa perspectiva cultural (QUADROS, 2005).

Considerando a importância da Libras como língua própria dos surdos e entendendo que essa língua, na maioria dos casos, será aprendida pelas crianças surdas somente na escola, por não partilharem do mesmo sistema linguístico que seus pais, percebo o relevante papel dos professores no processo de aquisição da língua de sinais pelos alunos. Pereira (2008) explica que seria adequado se os profissionais envolvidos em contextos de ensino de surdos, além de fluentes em Libras, fossem proficientes nessa língua, já que, dessa forma, poderiam aproximar-se do aluno surdo, através do conhecimento de sua história e da imersão em sua cultura, auxiliando-os na aquisição de sua primeira língua (Libras), na aprendizagem de sua segunda língua (Língua Portuguesa escrita) e na sua integração no mundo social.

Nessa perspectiva, pode-se assegurar que somente a Libras permitirá que sejam restabelecidas, para a criança surda, as condições naturais de apropriação da linguagem e deve como já mencionado anteriormente, ser a linguagem materna de todos os indivíduos surdos. Diante disso, a preservação da Libras e da sua identidade cultural são condições necessárias para a garantia da auto estima a construção, a resistência e a batalha na busca do seu direito de ser surdo.

## **2.1. Ensino de português como L2 tendo a Libras como um instrumento facilitador**

Partindo do pressuposto de que apenas a minoria, quase insignificante, dos surdos ao iniciar a vida escolar, tem o domínio da Libras e que a grande maioria tem apenas conhecimento limitado desta e, no mais grave dos casos. Remetendo essas informações ao ensino de Língua Portuguesa ao sujeito surdo como segunda língua, entende-se que, para que a educação bilíngue aconteça, a comunidade alvo deve dominar sua própria língua ou, ao menos, ter um bom domínio da Língua Portuguesa.

Critério este de difícil aplicabilidade ao sujeito surdo, pois não se pode exigir dele que tenha algum conhecimento da Língua Portuguesa porque, ao iniciar a vida

escolar, nem surdo nem ouvinte precisam conhecê-la em outra modalidade que não seja a oral sendo isso, totalmente inviável ao surdo. E, no que diz respeito à modalidade escrita, Silva (1999), em sua pesquisa, considera que a Libras é a língua natural dos surdos e afirma que, por esse motivo, assume apenas o caráter mediador e de apoio na aprendizagem da Língua Portuguesa, pois aprender a escrever, para o surdo, é aprender em tal caso, uma segunda língua.

Portanto, ao se levar em consideração que o surdo, ao ser matriculado na escola, na maioria das vezes, tem apenas um conhecimento superficial da Libras que dificultam a aquisição da Língua Portuguesa como uma segunda língua. É por esse motivo que se faz necessário o ensino simultâneo de ambas as línguas, ou seja, aperfeiçoar a primeira língua ao mesmo tempo em que se conhece uma segunda. Assim sendo, torna-se necessário repensar sobre a prática de educação bilíngue do sujeito surdo, independentemente da idade que inicia sua vida escolar, mas imprescindivelmente atentos ao nível de conhecimento que traz a respeito da Libras para que, a partir de então se inicie o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Fernandes (2003), defende que quando nos propomos a discutir um projeto educacional, não nos referimos, apenas, a incluir a Libras como recurso facilitador para aquisição de conteúdos, denominando esta simples iniciativa, educação bilíngue para surdos, vai muito além disso, desde o pensar na questão de como o profissional, no Brasil, recebe os alunos surdos em todo o contexto escolar.

O Decreto nº 5.626/05 que regulamenta a Lei nº 10.436/02 ressalta que a educação bilíngue se apresenta como um caminho de reflexão e análise da educação de surdos; é também um modo de garantir uma melhor possibilidade de acesso à educação. Tal decreto propõe o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas, bem como a obrigatoriedade da oferta da Libras como L1 e da Língua Portuguesa como L2 para os alunos surdos, a ser iniciando já na educação infantil. E, no artigo 14, inciso VI, argumenta-se que para que a educação bilíngue seja de qualidade é necessário que o professor tenha conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos e, para tanto, deve adotar mecanismos de avaliação coerentes com o aprendizado de segunda língua (BRASIL, 2005).

### **3. Atividades de ensino de Língua Portuguesa como segunda língua: uma proposta**

Diante das discussões destaca-se que o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos deve acontecer o ensino de uma segunda língua, uma vez que, devemos considerar que a Libras, é a primeira língua da pessoa surda e, portanto, deve ser a língua de instrução pela qual ela vai adquirir o conhecimento. Todavia, mesmo que a criança, ao ingressar na escola, já tenha o conhecimento da Libras, esta não estará “pronta e acabada”, daí a importância do ensino simultâneo Libras/Língua Portuguesa.

Foram selecionadas três propostas de atividades a serem apresentadas com o interesse de discutir formas de organização do trabalho pedagógico com metodologia adequada numa sala de aula que abriga alunos surdos em diferentes níveis de domínio da Libras sem deixar de levar em consideração que as crianças geralmente chegam às escolas sem o pleno domínio da língua de sinais, sua língua primeira (L1), é necessário que o espaço para aprendizagem seja organizado pela escola de maneira que haja momentos para o trabalho com cada uma dessas línguas em conjunto.

Pois geralmente, a maioria dos professores utiliza o sistema alfabético, para representar palavras que os surdos nunca tenham visto antes, de nada serve para sua aprendizagem, seu aprendizado inicial deve se basear em outras unidades da língua, as unidades portadoras de significado. A unidade básica para a iniciação do surdo à escrita

é a palavra inteira com os seus sinais, pois nela o aprendiz encontra um sentido e uma correspondência com algo que já conhece. Desde os primeiros contatos com a língua escrita as palavras serão “fotografadas” e memorizadas no dicionário mental se a elas corresponder alguma significação.

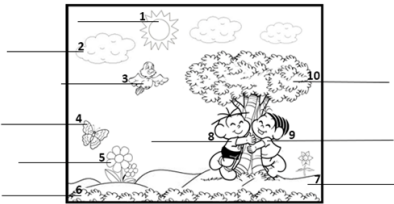
A seguir apresento uma proposta de atividades de ensino de português L2 para surdos que explore o uso da Libras e da escrita portuguesa simultaneamente:



Oficina Pedagógica:  
Imagens, Sinais em LIBRAS e a grafia da palavra

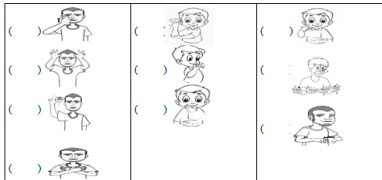
NOME: \_\_\_\_\_  
 PROFESSORA: \_\_\_\_\_  
 ESCOLA: \_\_\_\_\_

1 - ESCREVA OS NOMES NOS DESENHOS ABAIXO:

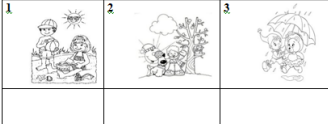


ÁRVORE	CHUVA	TERRA	SOL
NUVEM	PÁSSARO	BORBOLETA	MENINO
GRAMA	MENINA	CÉU	FLOR


2 - ENUMERE A LIBRAS DE ACORDO COM O DESENHO



3 - COMO ESTA O TEMPO HOJE? MARQUE UM X



4 - ESCREVA O NOME DE CADA TEMPO



Atividades Pedagógica:  
Imagens, Sinais em LIBRAS e a grafia da palavra

Esses trabalhos salientam a avaliação da capacidade de desempenhos da compreensão textual dos surdos nas tarefas que envolvam a LS, com este método de interpretação de historias se comprovou a compreensão superior por parte dos alunos surdos se comparadas às realizadas com outras modalidades linguísticas. É importante salientar que por meio dessa prática o aluno surdo estará aprendendo a Libras e a língua portuguesa ao mesmo tempo.

Sánchez (1994) comenta que, para adquirir o domínio da língua escrita, é imprescindível a existência de um ambiente de leitura no qual as crianças estejam imersas, participando nos eventos de leitura e escrita, compartilhando a língua escrita como uma prática. Isso não ocorre pela razão determinante de que não existem (ou, pelo menos, são poucos) surdos leitores, usuários competentes da língua escrita, que possam transmitir o conhecimento prévio. Outro fato a ser considerado é que somente 10% das crianças surdas nascem em lares surdos, ou seja, a maioria das crianças surdas nasce em lares ouvintes, em que, mesmo que exista uma prática de leitura de textos para elas, utiliza-se, geralmente, a língua oral, e não a Libras

#### **4. Conclusão**

A discussão aqui apresentados nos permitiram avançar na reflexão sobre a as adaptações curriculares de forma diversificada a serem feitas pelo professor no ensino de Língua Portuguesa L2 com os alunos surdos. Entendemos que o grande desafio dos professores em promover uma qualidade de ensino aprendido aos alunos surdos na Língua Portuguesa é encontrar metodologias de ensino e recursos diferenciados que sejam satisfatórios na busca de atingir os objetivos curriculares básicos que são propostos aos alunos surdos, onde possa existir um ambiente organizado, adaptado, que disponha de materiais pedagógicos diversificados a fim de favorecer o processo de ensino-aprendizagem.

Entendemos que é de fundamental importância que os alunos surdos estejam imersas em atividades que promovam a leitura, escrita, contação de histórias, e outras.

Mais uma vez oferecendo a elas a possibilidade de interação com essas atividades através de sua língua natural, ampliando assim seu conhecimento e desenvolvendo linguagens e língua, autonomia, criatividade e identidade, porém, tenho consciência de que para colocá-lo em prática existem dificuldades diversas, de ordem educacional específica do público alvo, pois apenas 5% dos surdos é de família também surda que utiliza a Libras como a sua língua de instrução e os demais 95% são de famílias ouvintes em que a Libras é desconhecida, conseqüentemente dificultam o desenvolvimento pleno dos alunos surdos, o que acarreta sérias dificuldades para a aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita.

Além dessas, ainda existem dificuldades também no cenário educacional brasileiro e na manutenção financeira de recursos didáticos apropriadamente visuais cujas estratégias pedagógicas demandam investimentos contínuos de manutenção, modernização e qualificação do pessoal docente.

Diante de tudo, acreditamos que faz parte do ser professor sempre repensar o modo como são organizadas as práticas pedagógicas com esse fim, implica em um projeto educacional amplo que assuma a Surdez e suas peculiaridades em seu bojo. Não basta aceitar a criança surda na sala de aula, ou respeitar sua condição bilíngue assumindo a Libras nesse espaço se a questão da Surdez não for considerada de forma integral. É preciso um projeto educacional comprometido que reveja as estratégias pedagógicas, a organização do espaço acadêmico, o currículo proposto de maneira a contemplar as necessidades e características da comunidade Surda.

## **Referências Bibliográficas**

**BASÍLIO, M. Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa.** Petrópolis:Vozes,1980.

**BRITO L. F. Necessidade Psico-Social de Um Bilinguismo para o surdo.** Trabalhos em Lingüística Aplicada, n. 14, p. 89-100, 1989.

**GRANNIER, D.M.A. A Jornada Lingüística do Surdo da Creche até a Universidade.** IEL. In: Lingüística Aplicada: suas faces e interfaces. São Paulo: Mercado das Letras. 2007.

**KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo.** In: CAMPOS, S. R. L. e TESKE. O. (orgs). **Letramento e Minorias.** , Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

**LIMA,M. D. A importância da LIBRAS na escolarização dos surdos.**2007.Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Centro Universitário de Patos de Minas. Patos de Minas. .

**PERLIN, G. Educação dos surdos posturas e imposturas.** Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 6, p. 38-93, 1998.

**QUADROS, R. M. de. A estrutura da frase da língua brasileira de sinais.** In: Anais do II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 1999, Florianópolis: UFSC, 2000.

**SÁ, N. R. L. de. Cultura, poder e educação de surdos.** São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Pedagogia e Educação)

**SKLIAR, C. (Org). Atualidade da educação Bilíngüe para Surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999. 270p. v.2.